

A Geografia dos Naturalistas-Geógrafos no Século das Luzes

Inês Aguiar de Freitas

Tradutor: Erickson Medronho



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/376>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.376

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2004

ISSN: 1519-1265

Refêrencia electrónica

Inês Aguiar de Freitas, « A Geografia dos Naturalistas-Geógrafos no Século das Luzes », *Terra Brasilis* [Online], 6 | 2004, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 14 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/376>

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 novembro 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

A Geografia dos Naturalistas- Geógrafos no Século das Luzes¹

Inês Aguiar de Freitas

Tradução : Erickson Medronho

- 1 Para nós, a geografia moderna nasceu de um sonho. Do sonho que habita o homem desde os primeiros tempos da modernidade – o de dominar o mundo e a natureza através da razão e da ciência. Do desejo que nutriu o Século das Luzes, de tudo compreender, de racionalizar o mundo, transformando-o num lugar visível, calculável e inteligível; de se utilizar a natureza e todas as suas criaturas para alcançar um progresso sem limites. Esse sonho que se encontrava então reforçado por uma série de elementos, dentre os quais se encontram as descobertas de novas terras (ainda) e as grandes viagens de exploração. Assim, não revela o acaso nosso desejo de contribuir para o estudo da história do pensamento geográfico a partir de uma certa circunstância e de um momento concretos – os viajantes-naturalistas franceses no Brasil, do século XVIII ao século XIX, ou no espaço de tempo que se convencionou chamar o “Século das Luzes”.
- 2 No espírito desse século, as viagens de exploração naturalistas foram motivadas por uma grande curiosidade para com os fenômenos do mundo natural e pelo estudo das ciências da natureza. Durante todo esse período, a natureza é objeto de questionamentos e inspiração, para os cientistas e intelectuais, tanto profissionais quanto amadores, para os artistas e homens de letras, ao mesmo tempo em que o ato de observar, descrever, catalogar e classificar os fenômenos e as espécies tomam um caráter “científico”, isto é, baseado em métodos rigorosos, buscando sistematizar o mais completamente possível as informações de que se pode dispor sobre a o mundo natural.
- 3 Pode-se dizer que, de Froger, em 1695, a Castelnau, em 1847, os viajantes que formam o universo por nós estudado percorreram um longo caminho, não somente pelos mares do mundo, mas também e especialmente no domínio do pensamento. Durante este intervalo de tempo, as idéias, as concepções e os modos de ver a *natureza*, o *homem* e a própria idéia de *território* são percebidos de modo consideravelmente diverso, sofrendo

uma espécie de “evolução”. Pensamos que é nessa evolução, concernente a esses três elementos, que se deve buscar, nos relatos dos viajantes, o caminho que conduz de uma “descrição da natureza tropical” à “construção de uma geografia do Brasil”, ou de uma “descrição da natureza” a uma “crítica do homem e da sociedade”, ou mesmo da “natureza do Novo Mundo” a um “território brasileiro”.

- 4 A fim de seguir passo a passo esta evolução (ou, se preferirmos, essa transformação), para aí buscar os traços de uma geografia nova, uma etapa se impôs: apresentar uma classificação “didática” dos viajantes e de sua obra. (Esta compreendida como um grande conjunto de relatos, relatórios, diários, cartas, mapas, pranchas naturalistas, desenhos, enfim, tudo o que documentasse aquilo que eles haviam visto, recolhido, interpretado, analisado e classificado durante as viagens).
- 5 Longe de constituir um conjunto homogêneo, a experiência nos mostrou uma diversidade (não perceptível, talvez, ao primeiro olhar) e que diz respeito tanto ao estilo quanto à forma através dos quais os assuntos foram abordados e tratados.
- 6 Como já foi dito, se nosso objetivo principal foi buscar os traços do nascimento da geografia moderna no seio dos relatos de viajantes, parece-nos que a classificação de seus trabalhos deveria se operar a partir do seguinte critério: o desenvolvimento das idéias “geográficas” nos relatos. A fim de perceber isso de maneira mais clara, consagramo-nos à análise de três categorias principais: sua concepção da **natureza**, sua idéia de **território** e a imagem e o papel do **homem** – três temas/conceitos que interessam particularmente à geografia moderna.
- 7 A dimensão temporal não foi certamente ocultada, nem mesmo desprezada e, na maioria dos casos, os critérios escolhidos acabaram por se combinar com a “época da viagem”. Uma tal classificação está longe de ser rígida, fixa ou definitiva (como, aliás, todas as classificações). E, se esta foi construída sobre aqueles que nos parecem ser os “temas-chave” da geografia moderna, não esqueçamos que esses “temas-chave” são também resultado de uma escolha que nós mesmos operamos.
- 8 Ao fim de nossa classificação, desenharam-se três grupos de viajantes, que poderíamos assim caracterizar e nomear:
- 9 Grupo 1 – **Os geógrafos-naturalistas** (que viajaram, em geral, entre 1694 e 1740). São os primeiros viajantes do século XVIII. Detentores, em geral, do título de “geógrafo do rei”, sua prática era bastante ligada ao papel do geógrafo tradicional do século XVIII. São os cartógrafos, os físicos, os astrônomos, enfim, os “engenheiros – geógrafos” que marcaram essa época. Este grupo foi fortemente marcado por preocupações tais como medir, testar os instrumentos e melhorar sua precisão. A figura da Terra e a cartografia são seus temas principais. Têm também por tarefa descobrir novas terras e acabar de uma vez com os mitos e alguns “enigmas persistentes” sobre o mapa do mundo. Por outro lado, os trabalhos desses viajantes manifestam, além de seus objetivos “matemáticos”, uma preocupação com a natureza e com assuntos mais diretamente ligados à história natural (como a coleta, classificação, representação e o estudo das espécies vegetais e animais) e não estavam isentos de descrições e avaliações “etnológicas”. Tratava-se de antigos geógrafos fazendo uma história natural.
- 10 Grupo 2 – **Os naturalistas-geógrafos** (de 1740 a 1820, aproximadamente). Contrariamente àqueles do primeiro grupo, esses viajantes embarcam com preocupações principalmente ligadas à história natural, para se tornarem, pouco a pouco, geógrafos modernos. Muito bem inscritos no espírito do século, são os relatos

desses naturalistas-geógrafos que despertarão a curiosidade do grande público e dos intelectuais. Serão eles os mais ávidos por contar o mundo sob o “olhar do viajante”. E são eles também que fizeram desta época aquela das grandes viagens científicas ao redor do mundo.

- 11 Grupo 3 – **Os geógrafos *stricto sensu*** (entre 1820 e 1847). Esses “descobridores” do território brasileiro, os mais “científicos” e “objetivos”, são também os menos pitorescos e aventureiros. É nesse grupo que se faz conhecer a geografia moderna “consumada”, momento em que os “naturalistas-geógrafos” assumirão totalmente o papel do geógrafo moderno. Fazem parte desse grupo: Saint-Hilaire, Laplace, Vaillant, Castelnau, d’Orbigny, etc. – talvez os mais conhecidos, hoje, do público brasileiro. Porém, não serão eles o objeto de nossa análise aqui.
- 12 Este artigo tem como objetivo maior revelar as relações entre Geografia e História Natural, a partir do exemplo dos viajantes do segundo grupo – os **naturalistas-geógrafos**. E nós os nomeamos como tais porque eram naturalistas (assim reconhecidos durante os séculos XVIII e XIX) que partiam com ? um em viagem com objetivos científicos. Porém, de certo modo, acabou por caber-lhes a tarefa de assumir definitivamente o “caráter geográfico” do “olhar naturalista”. Lembremos que é aqui, com o trabalho desse grupo, que vão ser produzidas as mais belas representações do mundo, sobre as pranchas mais bem desenhadas, com os relatos mais completos e as classificações mais perfeitas. Mesmo que nossa competência para a análise de desenhos naturalistas se revele bastante limitada, o salto de qualidade das pranchas apresentadas por esses naturalistas, em comparação com os anteriores, é inegável e ninguém contestará que o nível de conhecimento adquirido pelos naturalistas franceses cresceu amplamente desde o começo das viagens científicas, consolidando-se neste grupo. Esta forma perfeita de “representar as coisas do mundo”, esta sofisticação na maneira de “contar o mundo”, acabou por colocar a geografia sobre os trilhos da modernidade, pois criou, estabeleceu ou deu novo sentido aos conceitos e ao objeto de nossa ciência.
- 13 Em que medida e qual a real contribuição, especificamente, deste grupo ao nascimento da geografia moderna? A análise dos textos dos viajantes que apresentaremos aqui constitui, muitas vezes, novidade para o público brasileiro e uma das razões principais de tratarmos de maneira especial o grupo dos naturalistas-geógrafos é a riqueza de seus relatos, que demonstram como se fazia história natural no Século das Luzes. Mostram ainda sobre que bases empíricas a geografia moderna pôde construir-se; como a natureza foi o primeiro grande objeto da geografia (característica que se manteve) e como a história do pensamento geográfico não pode deixar de analisar esta fase tão importante da relação do homem com a Terra.

As palavras de uma geografia nova: os relatos dos “naturalistas-geógrafos”

- 14 A partir de 1750, os embarques para América se multiplicam. A América do Sul está longe de permanecer desconhecida dos franceses nesta segunda metade do século XVIII. Sabe-se que em 145 expedições francesas ocorridas entre 1680 e 1792, 45,5% delas tem como destino a América do Sul. Sob o reinado de Louis XVI, ela é o segundo lugar preferido dentre os destinos, com 19,3% dos viajantes, logo após o Oriente Médio, que recebeu 25,8% (Clement, 1988, t. I: 194). Apesar da proibição dos portugueses – que será

revogada somente em 1815 – grande parte desses viajantes embarcados para a América acabou por visitar o Brasil, ou ao menos aí fizeram “escala”.

- 15 Os viajantes desse grupo com todo seu interesse pelo Brasil não são casos isolados. Eles se inscrevem naquele plano sistemático, iniciado alguns anos antes, que consiste em explorar e fazer o inventário das riquezas naturais do mundo, a fim de dinamizar a agricultura, a indústria e o comércio francês, segundo a vontade de Louis XVI e Turgot. O soberano tinha também por objetivo promover a pesquisa científica e valorizar os territórios franceses do além-mar, sempre no espírito das Luzes. Entretanto, conforme veremos a seguir, alguns viajantes cuja “missão oficial” estava mais ligada à política e ao comércio, se afastarão de suas obrigações primeiras para se interessarem pela história natural.

A viagem de Lapérouse (1785-1788)

- 16 Na França, sonhava-se ainda com um grande navegador que pudesse oferecer ao país as glórias oferecidas por Cook à Inglaterra. É nesse contexto que se entende a expedição de Jean-François Galoup, Conde de Lapérouse,² o viajante francês a quem foi confiada tão pesada missão e cuja viagem conhecerá um fim trágico.
- 17 Lapérouse deixa Brest em 1º de agosto de 1785. A expedição era composta de duas fragatas: a *Boussole*, comandada pelo próprio Lapérouse, transportava 88 homens na tripulação, 10 oficiais e 9 cientistas; o *Astrolabe*, comandado por De Langle, trazia a bordo 112 pessoas, das quais 6 cientistas e 9 oficiais.
- 18 Os primeiros cronômetros já haviam sido inventados e o mistério das longitudes tinha já encontrado sua solução. Encerrava-se, dessa forma, a época da navegação por aproximação. Faltava apenas retomar os velhos mapas para corrigir as longitudes e para completar os detalhes de algumas regiões ainda mal conhecidas, em particular no Pacífico. Esse será um dos objetivos da viagem de Lapérouse, mas não o principal.
- 19 De fato a viagem de Lapérouse é originalmente um empreendimento comercial. A idéia inicial amplia-se então numa política geral de trocas: Lapérouse é encarregado de preparar o terreno para o futuro, a fim de que os negociantes franceses tivessem segurança para agir. Sua expedição entra no plano mais vasto de uma pesquisa de mercado no Extremo Oriente para o comércio francês: o Japão é visado do mesmo modo que a China, com a qual os ingleses mantêm já há algum tempo relações mais continuadas. Seria preciso ultrapassar os ingleses. Trata-se, com efeito, de todos os novos domínios do comércio marítimo, pois Lapérouse deve igualmente se informar sobre a pesca da baleia no entorno do Cabo Horn (idéia sugerida no relato da segunda viagem de Cook). A partir desse momento, a viagem ganha também uma conotação política, orientada no sentido da vigilância e da acumulação de informações sobre as atividades comerciais das outras nações nos mares do mundo.
- 20 No entanto, a idéia de prosseguir e concluir a obra de Cook exige também a continuidade de seu projeto científico. Descobrir novas terras seria uma situação que o trabalho realizado pelo navegador inglês tornou pouco provável; não obstante, seria necessário dar relevo a alguns pontos que permaneciam ainda pouco conhecidos sobre o mapa do mundo, em razão dos fortes nevoeiros e do mau tempo que Cook encontrara. A bordo da *Boussole* e da *Astrolabe* encontram-se os mais perfeitos instrumentos, formando um verdadeiro “observatório ambulante”. Assim, a principal preocupação “geográfica” da expedição de Lapérouse é a continuidade natural da última viagem de

Cook. Aos dois é designada uma tarefa essencial: revelar o mais exatamente possível as coordenadas de todas as terras examinadas. Um engenheiro-geógrafo, **Bernizet**, é também encarregado de reconhecer as terras visitadas e de fazer o seu mapeamento cartográfico.

- 21 Mas se a viagem, do ponto de vista científico, é antes cartográfica, oceanográfica e hidrográfica, acrescenta-se a isso programas de estudos afins a todos os domínios científicos.³ Basta lançar um olhar sobre a lista dos volumes presentes na biblioteca de bordo para se fazer uma idéia da influência das idéias e dos mais famosos sábios da época. Encontram-se textos de Lineu, de Buffon e de Bonnet acompanhados de todos os outros grandes nomes da história natural, bem como de outros ramos da ciência (Taillemite, 1977).
- 22 Do mesmo modo, a quantidade de sábios embarcados nesses dois navios ultrapassava em muito todas as outras viagens francesas realizadas até então. É o próprio Lapérouse quem nos dá o nome dos naturalistas que o acompanhavam:
- (...) **de Lamanon**, da Academia de Ciências, foi encarregado da parte de história natural e de seu ambiente, conhecido sob o nome de geologia. O Abade **Mongés**, cônego ordinário de Santa Genoveva, redator do *Journal de physique*, deveria examinar os minerais, analisá-los e contribuir ao progresso das diferentes partes da física. Jussieu designa **de La Martinière**, doutor em medicina da Faculdade de Montpellier, para a parte de Botânica; foi-lhe agregado um jardineiro do Jardim do Rei para cultivar e conservar as plantas e os grãos de diferentes espécies que teríamos a possibilidade de enviar à Europa: sobre a escolha feita por Thouin, **Collignon** embarcou para cumprir essas funções. **Prévost** tio e sobrinho foram encarregados de recolher tudo o que concernia à história natural. **Dufresne**, grande naturalista e bastante hábil na arte de classificar as diferentes produções da natureza, nos foi oferecido pelo Senhor Procurador Geral. Enfim, o **Duque de Vancy**, recebeu a ordem de embarcar para pintar as indumentárias, as paisagens e geralmente tudo o que é muitas vezes impossível de se descrever (Lapérouse, 1831: 5, grifos nossos).
- 23 Havia ainda, na *Astrolabe*, o padre **Receveur**, naturalista, cumprindo a função de capelão, e um engenheiro-geógrafo, **Bernizet**, já citado.
- 24 Nas circunavegações do fim do século XVIII e do começo do século XIX, a presença de desenhistas é indispensável: serão eles os “olhos” dos viajantes. Assim, três artistas participam da expedição de Lapérouse: o Duque de Vancy e os dois Prévost. Seus desenhos são destinados a completar os relatórios escritos dos capitães, oficiais ou cientistas que se revelam, muitas vezes, eles mesmos, desenhistas de talento, como foi o caso do tenente **Blondela**, do qual várias obras foram gravadas aos cuidados de Milet-Mureau no *Atlas da Viagem de Lapérouse*.
- 25 O Museu de História Natural ocupa um lugar de destaque nesta cena científica: pelos ensinamentos que dispensava, pelos projetos que levava adiante, ele é de grande importância nos preparativos das expedições. E, do ponto de vista da história natural, a viagem da *Boussole* e da *Astrolabe* vai deixar uma imensa quantidade de documentos, pranchas, desenhos, e mesmo espécimes que enriqueceriam os museus. E esse material é apenas uma pequena parte de tudo o que foi reunido e deixado com Lesseps no momento em que este desembarcou em Petropavlovsky, antes que o resto da expedição desaparecesse num trágico naufrágio.
- 26 A viagem de Lapérouse, a primeira do gênero, torna-se assim o exemplo mais perfeito do que serão as viagens científicas francesas do século XVIII, tais como sempre

sonhamos ou como ouvimos falar. Sua viagem marca o início desta era nova das viagens-naturalistas. Com efeito, enquanto as viagens científicas realizadas até então possuíam objetivos mais gerais, ligados à história natural ou à observação da natureza, esta vai ser marcada por uma nova preocupação: o estudo do homem, algo jamais visto anteriormente. Não podemos certamente ainda falar de etnologia, mas devemos mesmo assinalar, no que concerne à história natural, que esse viajante não partiu ao redor do mundo para estudar, como sempre, pedras e plantas, mas para estudar, pela primeira vez, os homens e seus costumes. Assim, dos três elementos que buscamos aqui examinar na obra de cada viajante, é o **homem** que vai ter a maior importância na viagem e no relato de Lapérouse.

- 27 Ao invés de pensar o homem como objeto de ciência, Lapérouse partiu com o objetivo de estabelecer novos “contatos” com os povos “selvagens”. A bordo de seus navios embarcaram todas os tipos de objetos apropriados para seduzir os “nativos”.

Eles foram com dois mil machados e dois mil pentes com um milhão de agulhas e cinquenta e duas cascas de pluma de dragão. O próprio rei redigiu as instruções pessoalmente: ‘O Senhor Lapérouse, em todas as ocasiões, usará com muita doçura e humanidade para com os diferentes povos que ele visitará no curso de sua viagem. Ele se ocupará com zelo e interesse de todos os meios que podem melhorar sua condição procurando nos diferentes países os legumes, os frutos e as árvores úteis à Europa, aprendendo a maneira de semeá-las e de cultivá-las... (Brosse, 1983: 79).

- 28 Provavelmente por ser portador do otimismo racionalista de seu século e animado de sua fé no progresso e utilitarismo, Lapérouse concebe sua exploração como a abertura a um plano colonizador, a uma exploração comercial proveitosa e a uma valorização dos territórios e dos homens. Enfim, a exploração dos recursos mundiais deveria, a seus olhos, ser eficaz, moderna e “humana”.
- 29 A opinião de Lapérouse sobre os “selvagens” pode parecer algumas vezes contraditória com esses princípios. Mas esta é uma falsa impressão. De fato, quando de seus primeiros contatos com essas tribos, a idéia que tem esse viajante é próxima da de Bougainville diante dos nativos do Taiti: a mesma visão paradisíaca do Bom Selvagem. Lapérouse fala também de povos pacíficos, hospitaleiros e dotados de um “certo grau de civilização”. “*Esses insulares (...) são sem dúvida os mais felizes habitantes da Terra; rodeados por suas mulheres e suas crianças, eles vivem no seio do repouso dos dias puros e tranqüilos...*”.
- 30 Porém, à medida que aumenta seu conhecimento sobre os nativos, Lapérouse vai mudar de opinião e chegar a destacar que “*os mais atrevidos malandros da Europa são menos hipócritas que esses insulares...*”; ou que “*os corpos desses índios, cobertos de cicatrizes, provavam que eles estiveram muitas vezes em guerra ou em conflito entre eles*”. Ou mesmo que o “*homem quase selvagem e na anarquia é um ser mais mordaz que os animais mais ferozes*”. Enfim, é impossível fazer sociedade com o homem da natureza porque ele é “*bárbaro, mordaz e patife*”.⁴ Lapérouse ataca ainda os filósofos do século: “*eles escrevem seus livros no calor de uma lareira e eu viajo desde os trinta anos*” e assevera que “*os povos descritos como tão bons por serem bastante próximos da natureza*” são cruéis e desprovidos de todo sentimento de justiça e benevolência. Para esse viajante o Bom Selvagem não passa de uma ilusão.
- 31 Poderíamos propor um outro olhar sobre a questão: esta negação da existência do Bom Selvagem que idealizam os filósofos, ou, ao menos, esta visão mais realista sobre a questão assinala o nascimento de uma idéia que vai progressivamente estabelecer o “verdadeiro” homem do Novo Mundo. Em outros termos, vamos poder passar, a partir desse momento, a uma análise mais “antropológica” ou “etnográfica” desse homem

inteiramente novo, em uma abordagem mais real e, em todo caso, mais científica que a dos viajantes que o precederam Lapérouse. É o que nos lembra Hélène Minguet em sua *Introdução à viagem de Lapérouse*:

No seio dessas contradições aparentes, o leitor de Lapérouse poderá ver se destacar um certo número de idéias novas que são o fundamento da reflexão antropológica dos séculos XIX e XX. Tal é o caso, por exemplo, da noção de desigualdade do desenvolvimento dos diversos setores da vida social ou intelectual dos povos, em uma época onde se acreditava ainda no progresso necessariamente uniforme de todos os setores (Minguet, 1980).

- 32 Se a idéia do Bom Selvagem não vai desaparecer, ao menos não encontrará eco no relato de Lapérouse.
- 33 Por outro lado, esse viajante não encontrou, pelos lugares por onde passou, apenas o que se podia chamar de “selvagens”. Em alguns lugares, como no Brasil, ele pôde mesmo ver cidades onde a civilização européia estava já instalada. É assim que, em Santa Catarina, no Brasil, ele fala da beleza do país e da bondade dos habitantes: “*seus costumes são doces; são bons, polidos, solícitos; mas supersticiosos, e bastante ciumentos com suas mulheres, que nunca apareciam em público*” (apud Minguet, 1980: 23).
- 34 A construção de uma imagem do habitante da América, inteiramente diferente daquela de um simples “nativo”, começava a se construir.
- 35 Em 13 de julho de 1786, no Porto dos Franceses, na costa do Alasca, aconteceu a primeira tragédia da viagem. Um barco e duas grandes gôndolas se aproximaram demais da corrente do canal e acabaram chocando-se contra os rochedos. Seis oficiais e quinze marujos morreram afogados.
- 36 Em 2 de agosto de 1787, Lapérouse descobre entre a Coréia e a ilha de Sacalina o estreito que leva ainda seu nome. Fazendo escala em Petropavlovsky, ele decide então desembarcar um passageiro da *Astrolabe*, o Barão de Lesseps, embarcado como intérprete russo, que deveria deixar a expedição levando os diários de viagem, mapas, trabalhos científicos e voltar para a França.
- 37 A segunda tragédia vai se passar na ilha Manoa, em dezembro de 1787. Lapérouse se apressou a deixar esta ilha que o havia decepcionado. Deste modo, decide partir o mais cedo possível, mas o capitão De Langle queria renovar sua reserva de água. Após terem enchido os barris do *Astrolabe*, os viajantes são atacados subitamente por indígenas. Dos sessenta e um homens presentes no episódio, doze pereceram massacrados (dentre eles, De Langle) e vinte outros ficaram feridos. Chocado, Lapérouse parte com a expedição para o sul, na direção da Nova Holanda (Austrália), onde aporta em Botany-Bay. E é daí que parte para a França sua última carta em 7 de fevereiro de 1788. Após isso, fez-se o silêncio...
- 38 Soube-se que a expedição deixou Botany-Bay em fevereiro de 1788. Em 1790, a Sociedade de História Natural de Paris solicitou à Assembléia Constituinte que duas embarcações fossem enviadas em busca da *Boussole* e da *Astrolabe*. Sob o desejo expresso pela Assembléia, Louis XVI se apressa a dar a ordem, e as fragatas *Recherche* e *Espérance* foram confiadas ao capitão d’Entrecasteaux, encarregado não somente de procurar Lapérouse, mas ainda de dar continuidade a suas descobertas e de completar o plano que lhe havia sido traçado.⁵ A busca de d’Entrecasteaux foi infrutífera, mas alguns anos mais tarde, em 1826, Petre Dillon, um capitão inglês, descobriu, nas mãos de um indígena de uma ilha do arquipélago de Santa-Cruz, na Oceania, a espada de Lapérouse. O capitão Dumont d’Urville foi, então, imediatamente encarregado de dirigir uma

expedição para encontrar rastros dos desaparecidos. No arquipélago dos Amigos, na ilha de Vanikoro, um índio concorda, em 26 de fevereiro de 1828, em conduzir o tenente Jacquinet aos recifes onde teria ocorrido o evento. A *Astrolabe* foi encontrada. Os nativos relataram saber que dois navios chegaram àquele local, que um deles fora à deriva sobre um recife enquanto o outro ficara encalhado. Contaram também que os sobreviventes saíram por terra para não serem massacrados. E é apenas em 1964 que Discombe, um neozelandês, descobriu os destroços da *Boussole* dentre milhares de restos da *Astrolabe*. Tal foi o fim trágico de uma das maiores expedições marítimas de seu tempo.

A viagem de Freycinet (1817-1820)

39 A expedição comandada por Louis-Claude Desaulces de Freycinet⁶ levantou velas de Toulon em 17 de setembro de 1817, embarcada na *Uranie*, uma corveta de 350 toneladas. A *Uranie* lança âncora no Rio de Janeiro em 6 de dezembro, onde, graças às condições bastante favoráveis para fazer as observações do pêndulo e das bússolas, vai aportar e permanecer, respectivamente, dois meses na ida (de 6 de dezembro de 1817 a 29 de janeiro de 1818) e três meses na volta (de 20 de junho a 13 de setembro de 1820).⁷

40 Os objetivos dessa expedição resumem bem os desejos dos viajantes que partiam ao redor do mundo na época e que nos interessam neste trabalho. A Academia de Ciências, a quem foi confiada a tarefa de encaminhar os resultados da viagem, expôs assim os objetivos de Freycinet:

O objetivo principal da expedição comandada por Freycinet era a pesquisa da figura do globo e dos elementos do magnetismo terrestre; várias questões de meteorologia foram também indicadas pela Academia como bastante dignas de atenção. Ainda que a geografia devesse ser, nesta viagem, apenas um objetivo secundário, podia-se acreditar que os oficiais experimentados, cheios de zelo e munidos de bons instrumentos, não fariam a volta no globo sem acrescentar alguns preciosos resultados às tabelas de longitude e de latitude; sem um naturalista de profissão, nossos navegadores contraíram a obrigação de estudar, ao menos de recolher para os Museus todas as amostras dos três reinos que pudessem oferecer algum interesse; deveu-se esperar, além disso, do desenhista que o governo vinculou à expedição, que ele representasse fielmente com crayon, pena ou pincel, aquelas amostras cuja fragilidade ou volume não permitissem transportar e que figurariam com cuidado essas visões das costas que, além de fornecer aos navegadores úteis indicações, formam também muitas vezes agradáveis paisagens; era enfim natural esperar que Freycinet e seus colaboradores agregassem algumas novas particularidades à história dos povos selvagens (Arago et alii, s/d: xiii-xiv).

41 Após conhecer o imenso relato, bem como os resultados da viagem de Freycinet, restanos a impressão, o sentimento mesmo, de se estar diante de uma viagem científica/naturalista por excelência e que caracterizou, talvez mais que nenhuma outra, o século das Luzes. Todos os elementos para tal juízo aí se encontram: o desejo de saber e de dominar o mundo pela ciência, a questão do “olhar do viajante”, os campos entrecruzados da geografia e da história natural, a preocupação de incluir o homem nos limites de uma história natural e da ciência – para citar apenas algumas das características ditadas pelas Luzes.

42 E este espírito está talvez ainda mais visível nesta viagem da *Uranie*, a partir de alguns elementos pitorescos, divertidos mesmo. É o caso, por exemplo, da presença a bordo de dois personagens que dão, sem dúvida, um charme todo especial à viagem: **Jacques**

Arago,⁸ escritor de bordo, verdadeiro poeta, embarcado com a missão de desenhista, e **Rose Freycinet**, esposa do capitão que, totalmente devotada ao marido, embarca sobre a *Uranie* disfarçada de homem.

- 43 Esses dois personagens vão marcar a viagem com beleza e poesia. Arago, enquanto desenhista, será o responsável pelo “olhar do viajante”.⁹ O olhar que ele dirige para a natureza, para a vida social, para os costumes e para o homem do Brasil, completa perfeitamente o trabalho dos cientistas. Arago terá ao mesmo tempo o olhar do naturalista e do viajante, pois, além de nos deixar desenhos de rara perfeição, nos deixará também vários relatos e romances. Estes, sempre baseados nas viagens, possuem um elevado valor literário. De rara qualidade e bastante agradáveis à leitura, oferecem-nos as mais belas imagens poéticas que poderíamos encontrar nos relatos de nossos viajantes. Esse duplo olhar dará lugar a descrições comparáveis às que serão conhecidas, mais tarde, por meio dos geógrafos modernos. E é assim que a tradição “descritiva”¹⁰ ganha, no curso desta viagem, mais peso que nunca.
- 44 Do mesmo modo, a presença de Rose Freycinet na *Uranie* não nos deixou somente a imagem poética de uma mulher apaixonada por seu marido e que decide pura e simplesmente acompanhá-lo. Pelo contrário, Rose escreverá também um diário,¹¹ que, publicado em 1927, nos permite ver essa volta ao mundo através dos olhos de uma mulher inteligente, corajosa e decidida que soube se fazer presente e que adquire rapidamente a estima e o respeito de todos. É certo que as determinações da Marinha proibiam o embarque de mulheres nos navios do Estado sem autorização especial e a situação foi logo conhecida, mas a *Uranie* já estava longe. Pelo interesse que trazia ao trabalho científico a bordo, seus desenhos de paisagens – como um, bastante belo, do litoral do Rio de Janeiro – vistas no momento das paradas da *Uranie*, a Sra. Freycinet merece ser citada aqui como uma das mulheres que participaram da construção de uma nova geografia.
- 45 Mas o que faz também desta viagem, dentre outras características relevantes, um exemplo das viagens do século XVIII, é o imenso sucesso alcançado por seu relato. Este teve, de fato, como assinalaram os editores, uma difusão importante junto a um “grande número de grandes personagens, intelectuais e amadores” (em Freycinet, 1824-1844: 1).
- 46 Seus nove volumes se organizam em torno de três partes distintas. Na parte “histórica”, o próprio capitão conta a viagem, as condições de navegação, a situação política, econômica e social, bem como a história dos lugares visitados. E, certamente como não será surpresa para nós, trata dos mapas e medidas da Terra, bem como da hidrografia (a geografia desta época, enfim). E, em alguns momentos, veremos mesmo delinear-se uma espécie de “geografia econômica” nas observações de Freycinet. Em seu relato encontram-se ainda informações tanto históricas quanto geográficas sobre o Estado do Rio de Janeiro (ele nos prepara uma lista completa das divisões políticas do estado, da história de suas cidades e povoados), e também informações sobre sua produção econômica, sua vida social, seus habitantes... (Arago também fará uma crônica desta sociedade, mas imprimindo-lhe uma tonalidade completamente diferente, dando mais lugar a comentários sobre a vida social do Rio do que às preocupações ditas “científicas”).
- 47 Uma passagem deste histórico do capitão oferece perfeitas descrições do território do Rio de Janeiro: montanhas, rios, situação das cidades, permitindo caracterizar geograficamente esse território. Quanto a uma geografia econômica, que se ocupe da produção e da distribuição, podemos encontrá-la na parte histórica dedicada à

fertilidade do solo, às produções vegetais e animais, bem como na parte consagrada à colônia portuguesa.

- 48 O relato compreende uma segunda parte concernente aos “resultados para a história natural”, realizada inteiramente pelos naturalistas do navio: **Quoy**, **Gaimard** e **Gaudichaud**. Esta parte inclui pranchas, desenhos, descrições científicas, bem como de coleções de espécimes destinadas aos museus (um dos objetivos de viagem).
- 49 Como vemos, os resultados de expedição, seja para a história natural, seja para a geografia, não poderiam ser mais ricos. É o que atesta, aliás, o relatório da academia que coloca em evidência que, no que diz respeito à geografia (da época), a expedição permitiu: a localização de inumeráveis lugares; a observação relativa à determinação da forma da Terra, bem como das latitudes e das longitudes precisas e confirmadas. Com respeito à história natural, retomamos o que nos diz o relatório sobre as aquisições para os três reinos da natureza: a coleção botânica resultante das coletas da viagem de Freycinet se compunha de algo em torno de três mil espécies, das quais quatrocentas a quinhentas não se encontravam nos herbários do Museu de História Natural, e das quais duzentas eram desconhecidas. Infelizmente, um grande número de espécimes submergiu na ocasião do naufrágio da *Uranie*. É ao zelo e ao trabalho de Gaudichaud, o jovem farmacêutico da expedição, que se deve a rica e interessante coleção de vegetais. Além disso, Gaudichaud repôs no *Jardin du Roi* uma grande quantidade de frutos, grãos, gomas e outros produtos vegetais.
- 50 No que concerne às coleções geológicas, a expedição encaminhou ao Museu cerca de novecentas amostras de rochas, coletadas em diferentes lugares onde aportaram. O mesmo ocorreu com a entomologia. Durante a escala da *Uranie* na Ile de France (Ilhas Maurício), Freycinet envia ao Museu quatro grandes caixas, guardando cerca de duzentos lepidópteros, quatrocentos ou quinhentos outros insetos provenientes do Brasil, bem como quarenta espécies de crustáceos. Esta coleção e a de aracnídeos merecem também ser destacadas, pois comportam várias espécies até então desconhecidas.
- 51 Sempre segundo o relatório da Academia, quanto à Zoologia (também chamada no relatório, “história dos animais”), Quoy e Gaimard, médicos da expedição, enriquecem o Museu com um grande número de animais raros que faltavam a suas coleções. Envia também uma imensa quantidade de espécies ainda desconhecidas pela ciência; preparam, eles mesmos, os animais coletados e, com Gaudichaud, oferecem ao Museu numerosos animais curiosos que tinham recolhido e preparado no curso da viagem. Apesar das dezoito caixas perdidas no naufrágio da *Uranie*, as coleções encaminhadas pela expedição ofereciam ainda vinte e cinco espécies de mamíferos, trezentos e treze espécie de pássaros, quarenta e cinco de répteis, cento e sessenta e quatro de peixes, e um grande número de moluscos, anelídeos, pólipos, moluscos etc.
- 52 Ainda no que concerne à Zoologia, a partir de uma observação minuciosa dos costumes dos animais, vão buscar as diferenças que podem existir e as “*diversas modificações que as latitudes e as localidades fazem sobre seus instintos*” (Quoy e Gaimard, s/d: 12). Esta discussão está, aliás, no centro das questões estudadas por Buffon, na época. Questão que estava de certo modo na ordem do dia e que alimentava estudos, debates e discussões sobre aclimatação, na Europa, dos animais e das plantas originárias de outros lugares.
- 53 Por outro lado, o primeiro capítulo do volume da *Zoologia* é dedicado ao homem e os dois médicos advertem: “*Começaremos nossas observações zoológicas ocupando-nos do*

homem, primeiro anel da cadeia animal” (id., *ibid.*: 1). Localizado no primeiro lugar da grande cadeia dos seres, mas já também “naturalmente” contado entre os animais, levado a assumir seu lugar em uma história da terra e do mundo natural, surge o homem. Como de hábito entre os naturalistas do século, eles vão imediatamente se ocupar das medidas do crânio, “o invólucro ósseo que guarda os órgãos de sua inteligência” (id., *ibid.*: 1). Esses órgãos, associados à alma, localizavam o homem no topo desta grande cadeia da natureza. Os estudos das línguas bem como dos hábitos e dos costumes serão também objeto de uma etnologia nascente, da qual se ocupará o próprio capitão.

- 54 Mas, o que se torna o homem para Freycinet? Qual é sua opinião bem como sua contribuição ao debate sobre o Bom Selvagem? Em sua *Lettre de Guam*, de 20 de março de 1819, onde faz um elogio à Civilização, ele se situa contra os filósofos do século XVIII e seus sonhos do homem *in natura*, bem como fez, aliás, antes dele, Lapérouse:

Eu não tenho nada a dizer sobre os lugares que visitamos; representam para a maioria, regiões ainda selvagens; e apesar de tudo o que delas dizem nossos filósofos do século XVIII, este estado não é feito para o homem; a natureza o chama a um mais elevado destino. Longe então de condenar os progressos da civilização, seria desejável que os seres superiores os fizessem propagar em todos os povos. Se existem grandes abusos dentre as nações policiadas, eles não são nada em comparação com o horror a que são incessantemente expostos os infelizes mergulhados na barbárie (Freycinet, 1820: 375).

- 55 E falando da colônia portuguesa no Rio de Janeiro, a qual queria elogiar, começa:

Desviemos nossos olhos de tão repugnante espetáculo (os “habitantes primitivos”), triste fruto da degradação do homem, e os direcionemos a objetos mais satisfatórios e mais doces. A colônia européia que os portugueses estabeleceram sobre esse litoral, vai se apresentar ornada das vantagens que ela deve a uma civilização já antiga... (Freycinet, 1824-1844: 161).

- 56 Quanto à visão da natureza brasileira, é freqüentemente sob a pena de Arago que vai se encontrar uma descrição que comporte elementos mais apropriados ao século, como o “imaginário das ilhas” ou uma visão paradisíaca das terras situadas do outro lado do Atlântico, onde o tempo parece ter parado. Esta impressão de um lugar atemporal e, então, a-histórico, torna-se o signo de um grande distanciamento da civilização, quando não, da ausência total de civilização. É o que transparece na passagem seguinte onde ele evoca sua visão da natureza brasileira:

Eis então o Brasil, terra fecunda dentre as mais fecundas do globo; diríamos, uma natureza à parte, uma natureza privilegiada. Para se enriquecer, a cobiça tem apenas de respirar, pois a brisa do mar, que sopra pela manhã, vos dá forças contra o calor do dia; e o vento da terra, que atravessou as altas montanhas do interior, vos faz rapidamente esquecer à noite a temperatura de uma zona esmagadora. Aqui nadam muitos peixes nos rios, muitos pássaros voam no ar, muitos frutos pesam sob as árvores, muitos insetos sob as ervas. Aqui as montanhas guardam pedras preciosas, os mananciais carregam pepitas de ouro e diamante tão belos quanto os de Golconde. No Brasil, não há nenhuma dessas doenças epidêmicas ou contagiosas que exterminam populações e das quais mesmo a lembrança é uma calamidade.

Se você gosta de uma vida indolente e tranqüila; se para você o repouso é a felicidade, suspenda sua rede nos trocos descasados das palmeiras, ou busque uma doce habitação na praia tocada pelas ondas preguiçosas, mas se você detestar a monotonia dos prazeres isentos de peripécias, permaneça onde está; pois, no Brasil, cada manhã da véspera parece a manhã do dia seguinte; e acredite que a nuvem que passa hoje sobre vossas cabeças é a nuvem que ontem acabou por vos proteger em sua sombra ou vos refrescou de sua cor de rosa.

No Brasil, diríamos que esta natureza forte e vigorosa que pesa sobre o solo é a mesma desde séculos e que ela nunca se renova (Arago, s/d: 47).

- 57 “*Esse nome Brasil lembra tudo o que a natureza tem de mais belo e mais fecundo*”. É por essas palavras que os médicos da expedição começam a descrição da natureza brasileira em sua *Zoologie* (Quoy e Gaimard, s/d: 12). E, os elementos que lembram em seguida, retomando as palavras de Mirbel, não diferem em quase nada dos elementos utilizadas por Arago em sua visão mítico-poética desta natureza:

Nada se iguala ao esplendor das florestas do Novo Mundo: não se pode deixar de admirar esta quantidade infinita de vegetais densamente aproximados, confundidos, tão diferentes entre si, e algumas vezes tão extraordinários em sua estrutura e seus produtos; essas dicotiledôneas enormes cuja origem remonta a épocas vizinhas das últimas revoluções da terra, e que não levam ainda nenhuma marca de decrepitude; essas palmeiras impetuosas contrastam pela extrema simplicidade de seu porte com tudo o que as rodeia... O solo é bastante coberto pelos numerosos germes que nele se desenvolvem... a vegetação não se modera jamais, e a terra, longe de se esgotar se torna, a cada dia, mais fecunda. Das legiões de animais de todo tipo, insetos, pássaros, quadrúpedes, répteis, seres tão variados e não menos extraordinários que os vegetais indígenas, se retiram sob a abóbada profunda dessas velhas florestas, bem como nas cidadelas à prova dos empreendimentos humanos (Quoy e Gaimard, s/d: 13).

- 58 E encontraremos facilmente nesta descrição das plantas cuja “*origem remonta a épocas vizinhas das últimas revoluções da Terra, e que não trazem ainda nenhuma marca de decrepitude*” a própria idéia de juventude que Buffon queria imprimir à natureza do Novo Mundo.
- 59 Uma terceira parte importante desse relato e que merece atenção, é a que concerne aos desenhos. Com efeito, além dos animais enviados por Freycinet, conta-se ainda um número considerável de desenhos de pássaros, peixes, conchas, insetos, feitos com muito cuidado e precisão por Arago, bem como pelo cientista Gaudichaud e pelo pintor naturalista **Taunay**. Os desenhos de Arago devem ser considerados dentre os bens mais preciosos legados por esta expedição. Eles compreendem os desenhos científicos, cerca de quinhentos desenhos representando localizações e vistas do litoral, objetos de zoologia e botânica, bem como desenhos mostrando nativos (com seus costumes, usos, armas etc.) nos diferentes lugares visitados.
- 60 Assim, a viagem de Freycinet resultou em quatro Atlas, um dos quais consagrado à Zoologia e outro à Botânica. É preciso destacar que os volumes de Zoologia e Botânica comportam também a descrição científica de cada prancha encontrada no Atlas, o que enriquece e confere ainda mais importância ao imenso trabalho científico da expedição.
- 61 Esses Atlas inaugurariam a série de grandes obras ilustradas que acompanharão mais tarde os relatos dos viajantes. Suas pranchas constituem ainda hoje uma documentação única no mundo, de uma exatidão e de uma beleza raramente conseguidas. A partir dessa viagem, os artistas autores das pranchas passaram a ser escolhidos entre pintores da natureza, na maior parte das vezes ligados ao Museu de História Natural. Quanto aos Atlas “históricos” (representando as paisagens e outros detalhes menos “científicos”), ilustrando, como seu nome indica, a história da viagem, eles não são menos preciosos. Como nos lembra Brosse 1983: 145), “*graças a eles, encontramos intacta a imagem das terras desconhecidas, e sobretudo a de seus habitantes com o próprio olhar daqueles que encontraram pela primeira vez esses seres tão diferentes deles...*”.

- 62 Sem dúvida são as viagens desse grupo que deixarão o maior número de “imagens”. Na viagem de Freycinet, os desenhos de Arago, acompanhados de pranchas científicas, representam um dos exemplos mais perfeitos desse “retrato do mundo” que servirá para abrir as vias para a ciência.
- 63 Em 1820, o trabalho dos naturalistas estava apenas começando. A partir de agora, eles deviam se ater ao estudo minucioso de todos os objetos enviados e classificar as espécies novas. Esse trabalho será interrompido pela partida de Quoy e Gaimard para uma nova expedição, comandada desta vez por Dumont d'Urville (que veremos mais adiante). Assim, sua *Zoologie*, referente à viagem de Freycinet, só seria publicada no seu retorno. Quanto a Gaudichaud, uma vez concluída sua *Botanique*, ele parte novamente, em dezembro de 1830, para a América do Sul, na fragata *Herminie*.

A viagem de Hyacinthe de Bougainville (1824-1826)

- 64 Filho mais velho do capitão Louis-Antoine de Bougainville, Hyacinthe de Bougainville deixa Brest em 2 de março de 1824, tendo sob seu comando a fragata *Thétis* e a corveta *Esperance*. Como nas viagens vistas anteriormente, a expedição parte como o projeto de estabelecer relações comerciais e diplomáticas, mas também com objetivos científicos, sempre ligados à coleta de espécimes para os museus da França. (Cuvier receberá ricas coleções enviadas por H. de Bougainville que enriquecerão o Museu de História Natural e fará sobre elas grandes elogios).
- 65 Retomando o mesmo esboço que Freycinet ou Duperrey, H. de Bougainville vai nos propor um relato que comportará também partes “históricas”: ele próprio escreverá o primeiro tomo, enquanto que o segundo será redigido sob a direção do tenente da embarcação, o **Conde Edmond de la Touanne**, embarcado na *Thétis*. Esse último escreverá seu próprio relato “histórico” e desempenhará um papel importante como “naturalista-geógrafo”, como testemunham os desenhos que nos legou. Além dessa parte dedicada à história natural, la Touanne reuniu também neste Atlas pranchas relativas a seu itinerário e seis pranchas da cidade do Rio. Esse segundo volume comporta ainda observações astronômicas e meteorológicas.
- 66 A parte dedicada à história natural será aberta por **René Primevère Lesson** e será redigida na França.¹² O Atlas de história natural comporta pranchas de mamíferos, pássaros, répteis, lepidópteros e plantas, todas acompanhadas de suas classificações e descrições e, na maior parte das vezes, com referência aos grandes naturalistas da época: Cuvier, Buffon, Geoffroy Saint-Hilaire...
- 67 Não obstante, por força da análise do trabalho produzido por vários viajantes do grupo considerado, não somos mais surpreendidos pela beleza e pela perfeição dos desenhos e das descrições da natureza feitas por Bougainville e sua equipe. Porém, um ponto merece ser assinalado: a descrição dos mamíferos proposta por Lesson no início deste tomo. É aí que se releva a imagem do homem concebida pelos viajantes da *Thétis* e da *Esperance*:

Bougainville e Busseil enviaram para a França várias estatuetas feitas na China representando o caso de monstruosidade que a prancha XXXV deste Atlas reproduziu com fidelidade, a partir destas pequenas estátuas. O indivíduo que teve assim o corpo de seu irmão pendurado pela parte inferior de seu tórax, tinha a idade de vinte e três anos. Ele se chamava Ake, e se fazia ver publicamente na ocasião da escala da fragata *Thétis* em Macau. Isidore Geoffroy Saint-Hilaire reproduziu esse caso de heteradelfia no Atlas que acompanha seu Tratado de

Teratologia (pl. XVIII, f. 4).

Os exemplos de aderência nos casos de monstrosidades, por duplicação, não são raros. Buffon descreveu as duas gêmeas Hélène e Judith, que eram unidas uma à outra pelos rins. Nesses últimos anos os dois irmãos siameses Chang e Eng chamaram a atenção pública sobre sua aderência pelo alto ventre (Lesson, ??? v. II: 76).

- 68 É o olhar próprio ao começo do século XIX: o Outro é o “estrangeiro” (chinês), o “diferente” (o “louco” em certo sentido), a “monstrosidade” propícia a despertar a curiosidade. A “aberração” se torna objeto da ciência, e para isso busca-se mesmo amparo em Buffon (“Buffon descreveu...”). Para todos esses viajantes que se voltaram a um estudo mais “antropológico” ou “etnológico” do homem, a figura fantástica do Bom Selvagem não tinha efetivamente mais razão de ser. Novos olhares sobre o homem se desdobram de modo vigoroso, como prova esta análise do homem que Lesson localiza entre os objetos da zoologia. O homem tinha definitivamente se tornado objeto da ciência e a viagem de H. Bougainville está aí para provar.

As viagens de Dupurrey (1822-1825) e Dumond d'Urville (1837-1840)

- 69 As duas viagens sobre as quais vamos agora nos deter não se sucedem no tempo. Com efeito, se quiséssemos seguir estritamente a ordem cronológica, seria preciso intercalar entre elas a viagem de Hyacinthe de Bougainville, desenrolada entre 1824 a 1826, à qual acabamos de nos referir. Optamos então por apresentar conjuntamente essas duas viagens, em razão dos pontos que possuem em comum. Tal opção evita uma sobrecarga inútil na análise e o risco de omitir alguns detalhes tão curiosos quanto importantes, que marcaram estas duas expedições.
- 70 Jules Dumont d'Urville fez três viagens importantes no século XIX: a primeira foi sob o comando de Dupurrey a bordo da *Coquille*, entre 1822 e 1825; na segunda, ele foi o capitão da *Astrolabe*,¹³ na busca de Lapérouse, entre 1826 a 1829; na terceira, partiu na direção do Pólo Sul, de 1837 a 1840, sempre como capitão da *Astrolabe*, acompanhado da *Zéléé*. Ele só virá ao Brasil no curso de sua primeira e de sua terceira viagem.
- 71 Para analisar os textos de Dupurrey e de d'Urville no âmbito de nosso trabalho, teríamos de considerá-los como dependentes de uma única e mesma viagem – a que eles conduziram a bordo da *Coquille*. No curso dessa viagem, pararam por quinze dias nos arredores de Santa Catarina. Quando navega na direção do pólo sul, d'Urville visita o Rio de Janeiro, ainda que por apenas um dia. Como esses dois viajantes foram de considerável importância para a história natural e para a geografia moderna, seria lastimável não levarmos em consideração a “viagem ao Pólo Sul” no seio de nosso trabalho. Assim, a única dessas viagens que não será levada em conta será aquela que não tocou as costas do Brasil, a de Dumont d'Urville, a bordo da *Astrolabe* em busca de Lapérouse.
- 72 A viagem da *Coquille* é sem dúvida uma das mais importantes de seu tempo. Um ano após o retorno de Freycinet, Louis Isidore Duperrey, antigo segundo tenente na *Uranie* e agora promovido a primeiro tenente da embarcação, propunha ao ministro da Marinha um itinerário destinado a completar a viagem de Freycinet. De fato, tratava-se de uma viagem de descobertas que “*tinha principalmente por objetivo o aperfeiçoamento da geografia e das ciências físicas e naturais*” (Dupurrey, 1825-1830, v. I: 2).

- 73 O projeto foi aprovado pelo rei no começo de 1822 e Dupurrey recebeu o comando da corveta *Coquille*, que deixa o litoral de Toulon em 11 de agosto de 1822. A ilha de Santa Catarina, no sul do Brasil, foi alcançada em 16 de outubro e Dupurrey e sua equipe vão nela permanecer até o dia 30. Eles evitam assim a cidade do Rio que vivia os problemas políticos da revolução que deveria conduzir à Independência.
- 74 Dupurrey tinha como co-comandante Jules Dumont d'Urville, encarregado também da botânica e da entomologia, bem como da “etnografia”. Completando o corpo dos naturalistas encontravam-se o cirurgião-chefe Prosper Garnot e seu adjunto, o cirurgião e farmacêutico René Primevère Lesson, que deveria se ocupar da zoologia; e Lejeune, que conseguiu uma posição na corveta na qualidade de desenhista. A viagem iria apresentar resultados sem precedentes na história das viagens científicas.
- 75 A propósito desses resultados, a Academia de Ciências recebeu os navegadores em sessão solene, na ocasião de seu retorno. Dupurrey expõe os resultados relevantes para a geografia, hidrografia e física do globo. (E aqui, não seria demais destacar que, em seu papel de “geógrafo tradicional”, Dupurrey considerava a geografia nada mais nada menos que “pontos sobre o globo”). Aqui, como para todos os viajantes-naturalistas, a parte “geográfica” é totalmente deixada aos “marinheiros”, isto é, ao capitão e a seus ajudantes encarregados da hidrografia e da astronomia. Nesse navio, eles eram Lottin, encarregado da geografia e da hidrografia, e Charles-Hector Jacquinot, encarregado da astronomia. Cinquenta e três mapas ou planisférios foram executados “a partir dos melhores métodos”, pelos “geógrafos” da *Coquille*.
- 76 Nesta reunião da Academia, cabe a Cuvier apresentar o inventário das amostras de história natural trazidos pela expedição. Uma expedição, segundo ele, “cientificamente exemplar”. A coleção geológica compreendia 33 amostras típicas reunidas por Lesson. No campo da botânica, D'Urville recolheu 3000 espécies, das quais 400 novas. Quanto à zoologia, haviam sido enviados vários crânios humanos, 12 espécies novas de quadrúpedes, 254 espécies de pássaros, das quais 46 desconhecidas, bem como as maravilhosas aves do paraíso jamais encaminhadas à Europa; 63 espécies de répteis e anfíbios, das quais 15 a 20 novas; 298 peixes conservados em álcool, dos quais 70 foram pintados por Lesson; 1100 espécies de insetos; e mais de 1000 invertebrados marinhos.
- 77 Encontramos nos relatos dessa viagem uma visão bastante “antropológica” e “etnológica” do homem nos textos consagrados à zoologia, à parte histórica e também nas pranchas do Atlas mostrando os costumes dos “nativos”. De uma vez por todas a figura do Bom Selvagem desapareceu, substituída por novas preocupações concernentes ao estudo do homem, como o estudo do crânio e das línguas – objetos de estudo da antropologia e da etnologia ainda balbuciantes. A preocupação em medir e observar as diferenças anatômicas vai permitir também que se trabalhe sobre um grande tema deste tempo – a definição e a classificação das raças humanas. Tarefa que se ligará à zoologia, mas que será preocupação da maior parte dos viajantes desta época, no momento em que o homem se torna um verdadeiro “objeto de ciência”. E, no que concerne à natureza em seu conjunto, faz-se sempre apelo, para descrevê-la, aos mesmos temas: abundância, admiração e felicidade.
- 78 A fim de melhor perceber que as atividades científicas não se encerram com o fim das viagens, basta que nos voltemos sobre o destino dos participantes da expedição de Dupurrey: Lesson redigiu os dois volumes sobre zoologia da viagem praticamente sozinho. Nomeado pouco tempo depois cirurgião-chefe na Martinica, Garnot escreveu e colaborou em várias publicações. Lesson retorna a Rochefort, sua cidade natal, a qual

não deixaria mais até sua morte. Tornando-se, em 1835, farmacêutico-chefe da Marinha, passa a ensinar botânica, consagrando-se também à publicação de várias obras de história natural. Promovido capitão de fragata, Duperrey não viajará, entretanto, nunca mais. Sua carreira torna-se, daí em diante, a de um intelectual. Após a publicação de importantes trabalhos científicos, sucederá a Freycinet na Academia das Ciências, em 1842.

- 79 Desde seu retorno, Dumont d'Urville começa a trabalhar na apresentação dos resultados da parte de história natural que estava sob sua responsabilidade, mas teve de interrompê-los quase imediatamente para assumir o comando da *Coquille* rebatizada de *Astrolabe* e partir em busca da expedição desaparecida de Lapérouse. Os naturalistas Bory de Saint Vincent, Brongniart e Latreille concluíram seu trabalho.
- 80 É interessante notar que, mesmo após seu desaparecimento, a expedição de Lapérouse continuava a produzir resultados para a ciência. Com efeito, partindo em busca de seu ilustre predecessor, d'Urville não deixava de ter como tarefa prosseguir as pesquisas científicas da expedição desaparecida. Mesmo que esta expedição não faça parte de nosso universo de estudo, devemos, entretanto, reconhecer o quanto seus resultados foram importantes para a constituição da história natural. Dumont d'Urville conduziu esta viagem no mesmo espírito que animava todas as viagens científicas sobre as quais trabalhamos. A documentação geográfica e etnológica que ele constitui e dirige nesta expedição basta para compor catorze volumes e cinco grandes Atlas cuja publicação se inicia em 1830 e que seguem sendo publicados um a um por cinco anos.
- 81 Após o retorno da *Astrolabe* a um porto seguro, Cuvier apresenta à Academia de Ciências um relatório redigido em estreita colaboração com o zoólogo Geoffroy Saint-Hilaire, o entomologista Latreille e Duméril, especialista em répteis e peixes. Nesse relatório, Cuvier assinala que as coleções encaminhadas por Quoy e Gaimard, os naturalistas da expedição, encarregados, mais especialmente, da zoologia, eram claramente mais volumosas que as encaminhadas por todos seus predecessores ou por eles mesmos na expedição anterior a bordo da *Uranie*, com Duperrey. Foram realizados a bordo pelo menos 6000 desenhos e 6000 cópias. A parte relativa à botânica foi organizada pelo irmão do botânico da *Coquille*, Pierre Adolphe Lesson, e continha, além da descrição de espécies pouco conhecidas ou novas, um *Essai d'une flore de la Nouvelle-Zelande* dos mais completos.
- 82 Após essa viagem, Dumont d'Urville, nomeado capitão da embarcação, candidata-se, após a morte de Rossel, à cadeira deixada vaga na Academia de Ciências por este último. A seu ver, os numerosos serviços prestados à ciência, graças às viagens que realizara, justificavam amplamente que esta sucessão lhe fosse de pleno direito. Entretanto, não é ele que ocupa a cadeira. Talvez pensasse em se aposentar, mas Dumont d'Urville sonhava sobretudo, e desde muito tempo, com os mares do Sul e, mais ainda, em comandar uma grande expedição ao redor do mundo (ele nunca se consolou em ter perdido o comando da *Uranie* em benefício de seu amigo Duperrey). De tal modo que propõe, em 1837, uma terceira viagem científica de circunavegação ao rei Louis-Philippe, que a fez ser precedida de uma exploração ao Pólo Sul. Esta nova expedição será confiada a d'Urville que comanda mais uma vez a *Astrolabe* (com 86 homens e 17 oficiais) e a *Zelée* (conduzida pelo capitão Charles H. Jacquinot, com 98 homens e 14 oficiais).
- 83 A expedição deixa Toulon em 1º de setembro de 1837 e explora em janeiro do ano seguinte o estreito de Magalhães (no caminho, faz uma escala de um dia no Rio);

navegando na direção sul, encontra as primeiras águas congeladas e, ao se deparar com uma montanha de gelo em 22 de janeiro, interrompe sua viagem até 7 de março. Logo após fará uma escala em Valparaíso, para ganhar em seguida o Pacífico e abordar o Taiti, as Ilhas Samoa, Fiji e as Novas Hébridas, bem como Vanikore e as costas de Papua e Java.

- 84 Tendo estudado a partida das expedições de Ross e Wilkes para explorar o Pólo Sul, Dumont d'Urville decide ganhar velocidade e atingir o círculo polar em 19 de janeiro de 1840. Explorando uma parte da Antártica, batiza uma terra com o nome de sua mulher, Adélia. Antes de voltar para a França, explora ainda as costas da Nova Zelândia e, após trinta e sete meses de viagem, a expedição retorna a Toulon em 8 de novembro de 1840. Em dezembro, Dumont d'Urville é nomeado contra-almirante.
- 85 No que concerne à história natural, os resultados desta expedição devem ser considerados como dos mais importantes, mas também como dos mais belos que pôde produzir uma expedição científica. Talvez se deva colocar isso na conta de d'Urville que, antes de ser um grande capitão, era sobretudo um verdadeiro naturalista. Além disso, os intelectuais que participavam da expedição eram eles mesmos naturalistas da maior qualidade: Pierre Dumotier, preparador de Anatomia e que foi encarregado da parte de “antropologia”; Élie Le Guillou, o cirurgião-chefe da *Zelée*, a quem se deve um relato “histórico” da viagem, escrito com o apoio de Arago (o “viajante-poeta” da expedição de Freycinet); Tardy de Montravel e L. Saison, responsáveis pelos desenhos; Honoré Jacquinot e Jacques Hombron, responsáveis pela zoologia e pela botânica.
- 86 Esses dois últimos estão também na origem de um dos mais belos relatos escritos por nossos viajantes. Nas partes que lhes foram confiadas (Zoologia, cujo primeiro tomo é intitulado *Do Homem e suas relações com a Criação*, e Botânica), fizeram apelo às mais belas palavras e pensamentos para definir o homem, a natureza e mais particularmente a posição de cada um dos elementos desta última na grande cadeia dos seres. Preocupação que, como sabemos, constituía um dos principais temas da físico-teologia, dominante na época. Eis o que esses naturalistas pensavam sobre o homem:

Todos os seres vivos se apresentam em séries orgânicas, representando as diversas eras da Terra, e constituem do mesmo modo tipos à parte: esses tipos reunidos formam, eles próprios, uma escala ascendente, no cume da qual se encontra a série humana.

Assim, lançando os olhos sobre a criação terrestre, destaca-se seu desenvolvimento progressivo até o homem. (...)

*Quando a criação atinge o limite da perfeição animal, necessária ao objetivo a que ela se propunha, o homem surge: constitui a “série intelectual”. Isto se desenvolve também progressivamente, porque esta marcha é lógica... A realidade desta série intelectual é uma das questões que nos propomos tratar. Abordaremos com confiança esse assunto, porque nos fornece seus meios; porque nossas viagens confirmam o que a história nos mostra, já que ela não tem nada de oposto à tradição bíblica, como poderiam acreditar algumas pessoas. A obra do período humano só estará completa no dia em que o homem moral, e conseqüentemente, religioso, terá conquistado o homem bárbaro no reino da inteligência. Tal é sem dúvida a missão do homem superior (Hombron e Jacquinot, s/d. *La Zoologie*, t. I: 53-56).*

- 87 A partir dessa mistura de teologia natural e físico-teologia, pode-se perceber que, na grande cadeia dos seres, o Outro se torna um elo inferior ao homem “civilizado”. Deste modo, a grande tarefa filantrópica do homem europeu, “o homem superior”, era guiar o selvagem nas vias da evolução. Pois, não esqueçamos uma idéia própria da época: o homem “primitivo” que eles encontraram nas mais longínquas regiões do mundo era o ancestral do homem “superior”, “civilizado”. Ir em sua direção propiciava àquela parte

inferior da humanidade todas as chances de ascender rapidamente vários degraus na escala dos seres. Este homem não será então mais visto como o Bom Selvagem, mas como um ser perfeitamente integrado na grande cadeia que formava a vida natural.

- 88 Se sua zoologia é uma verdadeira ode à grandeza do Criador, encontra-se nela um estudo mais completo de antropologia e das raças humanas (id., *ibid.*, t. II). Os autores se reportam então a Lineu e a outros naturalistas da época, como Bory de Saint-Vincent, para sustentar seu trabalho. Deve-se ainda estar atento às suas pranchas e às suas descrições naturalistas dos animais (id., *ibid.*, t. III), bem como à sua botânica, que formam um conjunto cuja qualidade científica foi atingida talvez apenas mais tarde, por Saint-Hilaire.
- 89 Em seu relato “histórico”, d’Urville e Guillou não se revelam nem um pouco diferentes dos outros vários viajantes de seu tempo, propondo-nos uma imagem bastante clara (descrições “geográficas”) das cidades e territórios visitados.¹⁴ Gostaríamos de ver em d’Urville a figura exemplar do naturalista “típico” de seu tempo, mas que se dirige a um comportamento já realmente “geográfico” (no sentido da geografia moderna). Assim parece-nos completamente legítimo situá-lo na fronteira entre essas duas classes (entre os naturalistas-geógrafos e os “geógrafos *stricto sensu*”).
- 90 A necessidade de “mostrar o mundo”, aliada a uma visão teológica da natureza que misturava elementos de um universo portador de um desígnio e de plenitude, foi levada ao extremo pelos naturalistas-geógrafos. Talvez estivessem mais preocupados que qualquer outro viajante-naturalista com questões “filosóficas” concernentes à natureza. É o que lhes permitiu fazer uma geografia bem mais elaborada do que a construída por seus predecessores. É isto que lhes confere o mérito de poderem ser reconhecidos como naturalistas que assumiram o papel do geógrafo moderno.

A geografia dos “naturalistas-geógrafos”

- 91 Mesmo que a classificação e a análise dos viajantes que estudamos aqui não se amarre a uma “cronologia”, é preciso, no entanto, assinalar que é na virada dos séculos XVIII e XIX (mais especificamente na primeira metade do século XIX) que vai se assistir à maior concentração de viagens científicas, contribuindo para tornar esse período conhecido como “o século dos grandes viajantes ao redor do mundo”.
- 92 Ora, a historiografia clássica dá destaque às transformações ocorridas no âmbito das viagens científicas a partir do fim do século XVIII. O viajante-naturalista vai se distinguir do simples diletante ou mesmo, como vimos, do engenheiro-geógrafo, que incluía dentre suas preocupações cartográficas e matemáticas algum interesse em história natural; os verdadeiros naturalistas que participavam das expedições serão cada vez mais numerosos. De sua parte, esses naturalistas serão também cada vez mais permeáveis às sugestões e demandas das instituições que os patrocinavam (estas chegavam, muitas vezes, a impor o itinerário e os objetivos das viagens).
- 93 Esse grupo de viajantes (os naturalistas-geógrafos) é aquele que melhor vai caracterizar o espírito das Luzes, marcado por um processo de valorização social das ciências (onde a burguesia leitora/compradora dos relatos das viagens começava também a fazer parte e a incentivar tal valorização). Não nos surpreenderemos em notar uma evolução bastante clara na apresentação e na própria estrutura dos relatos de viagens desse grupo (é o que já destacamos em Lapérouse e que será retomado e seguido pelos

viajantes que virão após ele). Se nos detivermos sobre as datas em que se deram essas viagens, será então permitido antecipar que esta evolução do gênero no sentido de uma maior sofisticação dos relatos pode também ser compreendida a partir da importante influência que exerceram: 1) as três viagens do capitão Cook, entre 1768 e 1780 (especialmente sua primeira expedição, de 1768 a 1771); 2) a viagem de Humboldt e Bonpland à América do Sul, entre 1799 e 1804; 3) a expedição conduzida por Napoleão ao Egito (1798-1801). Esses três episódios marcaram verdadeiramente o espírito das Luzes na França e na Europa, de modo geral, e serviram de modelo a todas as expedições científicas posteriores.

94 Esse mesmo processo vai conduzir a uma verdadeira aproximação entre o público e a ciência. Assim esse começo do século XIX será mais do que nunca uma época da crença na civilização e no progresso¹⁵, pois tal crença passa a fazer parte do imaginário de uma parte cada vez maior da sociedade européia.

95 As ciências naturais se constituíam também como um campo de legitimação social e como uma atividade integrada a um projeto de afirmação da nacionalidade. Nesse contexto, seria lícito dizer que a viagem científica ultrapassa amplamente, nesse começo do século XIX, as fronteiras do que convém qualificar hoje em dia como puramente “científico”. O discurso científico era então portador de critérios utilitários, mas também filantrópicos, tão comuns aos meios oficiais. Em outros termos, as ciências naturais eram inseparáveis de suas aplicações. Além disso, a formação científica do viajante, o apoio das instituições oficiais, constituíam uma condição necessária para que a viagem fosse reconhecida como um empreendimento útil à nação.

“O navegador, antecipadamente, descobre novas produções úteis à humanidade: determina os diversos pontos do globo, e confirma sua rota e a dos outros: aprende a julgar seus colegas por um maior número de relações, e cada um de seus progressos é um novo passo na direção do conhecimento sobre o homem e sobre a natureza.”¹⁶

96 Estas palavras de Lapérouse refletem bem o espírito que vai guiar os viajantes de seu grupo: além do discurso naturalista, utilitarista, que legitimava as viagens, encontram-se aí ainda dois outros pontos muito importantes. O primeiro se refere a uma geografia, nos viajantes, que aponta para a idéia do geógrafo moderno “relator do mundo”, que “afirma seu caminho e o dos outros” nas novas vias da ciência, no sentido do “conhecimento do homem e da natureza”.

97 Destaque-se também o discurso filantrópico que legitima as viagens científicas e as preocupações dos intelectuais da época. A filantropia, reforçando os valores humanitários e utilitaristas, estava estreitamente ligada às ciências naturais e às viagens. Essa filosofia levava a ver a viagem como uma troca onde a França podia, por um lado, descobrir, aclimatar e utilizar espécies tropicais; por outro, enviando os naturalistas *in loco*, permitia-se que um trabalho de história natural se fizesse a partir do próprio terreno / campo; e colaborava, a partir da Europa, no envio de espécies úteis, a fim de que elas fossem aclimatadas em outras regiões do mundo. Assim, as viagens francesas de exploração não eram vistas como uma especulação ou introdução forçada. Pelo contrário, as expedições e os cientistas podiam mesmo ajudar a difundir saberes e produtos “úteis à humanidade”, como foi o caso quando Lapérouse teve por missão entrar em contato com os “selvagens”. Munido desta incumbência, ele recebe de Louis XVI um imenso carregamento de “presentes” para trocar com os “nativos” dos lugares visitados, a fim de lhes conquistar a confiança. Esse sentimento, certamente ingênuo, da propagação de um crescimento e de um progresso por toda a

“humanidade” estava ainda ligado a uma outra idéia bastante corrente entre os filantropos: o providencialismo da natureza. A idéia de que a felicidade poderia ser conquistada por toda a humanidade graças à descoberta e à utilização dos inúmeros produtos naturais e pela observação minuciosa das leis da natureza. O trabalho de nossos viajantes-naturalistas era então da mais elevada importância para construir e confirmar a idéia de uma nação francesa que se colocava a serviço de toda a humanidade. O discurso utilitarista, aliado ao da filantropia, dá à tradição das viagens um sentido.

- 98 Nem mesmo a visão que esses viajantes terão do homem escapará desse discurso. Um dos exemplos mais representativos é o de Hombron. Eis o que esse naturalista, que acompanhava Dumont d’Urville no pólo Sul, pensava sobre as relações entre o homem europeu e as outras civilizações:

“Conquistar com o único objetivo de se dar o prazer de dominar e possuir, é de fato um ato brutal... Mas não são essas as únicas razões que podem impelir uma nação instruída e justa na via das conquistas: a propagação da civilização é um dever; ver nas conquistas somente a posse de um novo território de novas riquezas dá provas de uma inteligência muito pouco madura”.¹⁷

- 99 Por outro lado, o intercâmbio entre os cientistas se estabeleceu sob novas formas, as comunicações entre eles tomaram uma tonalidade mais dinâmica: publicações de relatos de viagens, relatórios e comunicações dos resultados foram apresentadas às academias de ciências; trocas de espécimes e coleções se deram entre museus, permitindo o nascimento de uma nova rede de informações, como mostram as palavras de Lapérouse, bastante identificadas aos trabalhos dos outros viajantes-cientistas:

“... (os albatrozes)... Foram tão bem descritos pelos naturalistas Banks, Solander e Forster, que acompanharam o capitão Cook, que eu acredito poder me eximir de lhe dar uma nova descrição”.¹⁸

- 100 Esse grupo de viajantes vai encher as coleções dos museus europeus de uma maneira jamais vista. Mas terá também por missão buscar no mundo “produtos interessantes” para aclimatá-los na Europa.
- 101 Mas, retomemos uma forma de análise que nos interessa mais precisamente, começando por lembrar o que caracterizará em primeiro lugar os viajantes desse grupo – “a grande apresentação do mundo”. O “olhar do viajante”, as descrições belas e bem acabadas, as coleções, os animais naturalizados, as ervas ou os espécimes vivos levados para a França. Narrar o mundo – tal era, mais do que nunca, a preocupação maior dos viajantes. Era necessário encaixar cada elemento da natureza no formato de sua folha de papel, sem hesitar em distorcer a planta ou o animal para fazê-los entrar no quadro escolhido (e muito mais que no simples quadro da folha, é no quadro mental do Ocidente que se trata de fazê-los entrar). Esse grupo, que vai dar origem às mais belas pranchas naturalistas realizadas até então, apropriou-se cientificamente do mundo e da natureza a partir da representação que puderam dela construir, apoiando-se sobre seus diferentes sentidos (mais particularmente na visão).
- 102 Os sentidos “não fazem em nada progredir na direção do essencial”¹⁹. O trabalho dos cientistas, sábios e viajantes desse começo de século XIX não podia se reduzir a erigir um inventário das espécies naturais; seria preciso também levar em consideração os princípios gerais capazes de satisfazer as exigências da inteligência moderna²⁰. Assim cada detalhe deveria ser considerado em suas ligações com a totalidade, conforme podemos observar em Buffon, que interrompe seu catálogo sobre os carnívoros para nele intercalar uma reflexão sobre a natureza em geral. Nessa mesma perspectiva,

pode-se ver que, no interior desse grupo, as descrições da **natureza** fazem muitas vezes referência às idéias de Buffon, Cuvier e de outros naturalistas, cabeças pensantes da história natural, na época. Longe da visão mecanicista da natureza, própria aos viajantes anteriores, os naturalistas-geógrafos não se contentavam em apresentar os elementos da natureza sem estarem atentos a seu “quadro”, a seu lugar no mundo. Para isso, eles iam buscar nas obras científicas contemporâneas o suporte necessário.

- 103 Foi por isso que não nos detivemos no conteúdo de seus relatos e fomos além, investigando, em outras obras que esses viajantes redigiram, as raízes de seu pensamento. Foi o que fizemos, por exemplo, com Lesson. Na parte do relato de Duperrey consagrado à *Zoologia*, Lesson descreve os animais conhecidos referindo-se sempre às descrições que Buffon já tinha feito deles. Seu respeito com a obra de Buffon é tal que ele se abstém em sua obra *Mœurs, instinct et singularités de la vie des animaux mammifères*, de comentar mesmo o menor animal que, no passado, já houvesse sido descrito por Buffon:

“Abstivemo-nos cuidadosamente de falar dos animais estudados com atenção por Buffon e sobre seus costumes dos quais ele tratou em todos os detalhes. Apesar de algumas imperfeições, seus quadros permanecerão eternamente na língua, e não é permitido a ninguém neles tocar: eles são como as telas de Raphael que o tempo danificou em algumas partes e que não haveria profanação maior que buscar restaurá-las.”²¹

- 104 Retomando as idéias de Buffon, Lesson, ainda na mesma obra, trata da distribuição dos animais sobre a Terra e particularmente da modificação das espécies segundo os diferentes climas, conforme também é o caso para o homem:

“O homem, contemplado em sua espécie, é cosmopolita, e, entretanto a aclimação produz mudanças tais, que o tipo primitivo se apaga, e que a aclimação, auxiliada por cruzamentos, desnatura a raça a ponto de aproximá-la daquela que é autóctone. O mesmo para os animais domésticos, cujos ancestrais selvagens foram extintos desde há séculos, e que, destinados a receber os cuidados do homem, que tem modificado profundamente sua constituição, variam ainda seguindo-o em suas migrações sob a influência reunida das latitudes e dos relevos de nossa superfície terrestre.”²²

- 105 Destaca-se que a preocupação em se referir a um quadro de sustentação científica se trata de uma “novidade epistemológica”.

- 106 O **homem** é, para esse grupo de viajantes, o objeto prioritário da ciência. Idéia perfeitamente clara para todos e que se encontra em todos os objetivos de viagem enunciados por esses naturalistas. Por outro lado, não se pode negar que um certo sonho subsiste, alguns diriam uma certa esperança: encontrar o Bom Selvagem. É o caso de Lapèrouse, Freycinet, e mesmo de Duperrey. Um sonho que vai logo se tornar desilusão, o que Brosse chama “o fim de uma miragem”, apresentando as palavras de Duperrey:

“Os navegadores tinham pressa de chegar à Nova-Cítera de Bougainville que não tinha mais sido visitada pelos franceses desde sua viagem. A desilusão foi completa. Ele não levava nenhuma mulher a bordo. Os taitianos nos diriam que elas nos esperavam sobre as árvores (...) Tínhamos o desejo de saber se Bougainville dizia a verdade ao compará-las a Vênus (...) Encontrávamos sobre as árvores apenas vários homens que se divertiam muito com nosso engano (...) a ilha de Taiti é hoje em dia tão diferente daquela dos tempos de Cook que é impossível fornecer dela uma idéia completa. Os missionários da Sociedade Real de Londres mudaram totalmente a direção dos costumes e hábitos desses povos. As mulheres são extraordinariamente reservadas (...) existem poucos homens no Taiti que não sabem ler e escrever (...) e

fomos bem surpreendidos em ver os taitianos (...) oferecendo um aperto de mão, comendo com um garfo (...) nós que esperávamos ver homens selvagens em estado natural.”²³

- 107 Assiste-se rapidamente a uma modificação da imagem anterior. O homem dessas terras, selvagem e feliz, habitando o Paraíso se torna o “natural”, aquele que é para se estudar porque é o nosso ancestral ou ao menos porque é “diferente”. É assim que se assiste, no seio desse grupo, a toda uma transformação da idéia de homem que conduziu ao que se constitui um embrião das ciências que se tornarão, por exemplo, a antropologia e a etnografia. O estudo das línguas ganha também uma certa importância, pois, a partir delas, pode-se chegar a delimitar as diferentes nações humanas (aí compreendidas as tribos). Do mesmo modo, dentre os múltiplos outros dados antropológicos, as medidas do crânio e do fêmur vão constituir os fundamentos de uma demanda visando à classificação dos seres humanos segundo as diferentes raças.
- 108 Esta nova maneira de ver e contemplar o homem não teria sido possível sem que a idéia de **território** (brasileiro, americano, enfim, o território do Outro) pudesse ser estabelecida. Com efeito, o homem, para esses viajantes, não se torna objeto de estudo senão quando ele “habita” verdadeiramente algum lugar. Teve que ser construída, por nossos viajantes, a idéia de um território, para que se tornasse possível nele localizar o homem desses “novos mundos”. Antes de ser “reconhecida a existência” de alguns territórios, o homem não podia ter nenhuma materialidade, teria que ser apenas um sonho: aquele do Bom Selvagem que se imaginava povoando terras também imaginárias. O Bom Selvagem podia habitar um Brasil mítico e sua existência (a de ambos) podia adquirir uma certa consistência apenas na cabeça dos viajantes do século XVI ou na dos filósofos das Luzes. Mas esse ser irreal, que tinham imaginado seu predecessor, não podia mais ser aquele que habitava o novo mundo que tinham em vista nossos viajantes e que insistiam em enquadrar, delimitar, desenhar, representar. É o que subentendia Lapérouse, já citado, quando nos lembra que os filósofos “*escreviam seus livros ao calor de uma lareira, enquanto ele viajava desde os trinta anos*”.
- 109 Este surgimento da idéia de um território brasileiro se torna perceptível a partir do momento em que se dispõe também de uma cartografia mais aperfeiçoada. É mais particularmente visível através das descrições da cidade do Rio, ou da Ilha de Santa Catarina, onde existia uma vida em “sociedade” (sociedades que Arago tanto adorava descrever em crônicas); ou através das descrições da agricultura (os costumes e métodos praticados pela agricultura eram abundantemente observados e comentados).
- 110 Sociedade e território brasileiros eram certamente conhecidos desde as primeiras viagens dos “geógrafos-naturalistas” (aqueles que localizamos em nossa primeira categoria), embora o Brasil não existisse ainda enquanto “país” independente. O território já tinha sido bem explorado, mesmo que não o tivesse sido ainda pelos franceses. Ora, falamos aqui da história das idéias, de uma visão, de um imaginário. E, no imaginário francês, o território brasileiro teria ainda que ser construído.
- 111 Assim, da idéia de uma “natureza tropical” ocupando apenas as margens do litoral atlântico, passa-se à idéia de um território portador desta natureza. E esta natureza daí por diante incluía o homem. Assiste-se a uma ampliação semântica da palavra “natureza” que, desde então, pode incluir o homem e o território dentre seus elementos. E se persistissem ainda algumas dúvidas sobre esse assunto, poderíamos ter como prova o homem que, desenhado sobre as pranchas desses viajantes, começa a ser representado em seu quadro natural, em uma paisagem onde ele se mistura à natureza,

entre as plantas e os outros animais. É o homem selvagem, no interior de sua tribo e que apresenta seus hábitos, suas vestimentas, suas festas e ritos. É mostrado tal como o encara o olhar do viajante que não se faz jamais representar a si mesmo nesse quadro, como o fariam, no fim do século XIX, os viajantes “românticos” (Humboldt, por exemplo).

- 112 Era o olhar que criava o objeto científico, que transformava a natureza (nela compreendido o homem) em objeto de ciência. Esse olhar, aliado a esse sentido novo conferido à natureza, vai conduzir esses “naturalistas-geógrafos” a proceder a uma depuração desses objetos que a geografia moderna privilegiará – a **natureza**, o **homem**, e seu **território**. Esses objetos estavam aqui, no devido ponto, prontos a servir a uma geografia completamente nova. Restaria apenas colocá-la em prática.
- 113 Mas, para a maior parte desses naturalistas, para quem um olhar dirigido à natureza poderia levar à classificação de seus elementos, os problemas concernentes à organização do espaço eram considerados como periféricos em relação às “questões centrais” – o inventário das formas vivas e a construção de um verdadeiro “sistema da natureza”. A organização do espaço era, para eles, um princípio secundário na economia da natureza. E isso tornou bastante difícil a colocação das correlações necessárias à prática geográfica. A geografia, tal como era então compreendida por esses naturalistas, voltava a estudar fatos concernentes à distribuição dos animais e das plantas sobre a superfície da Terra. Sem esquecer de estender esses estudos ao homem. Assim, o que era mais novo na geografia desses viajantes eram seus métodos, mais em conexão com uma biogeografia do que com uma geografia humana tal como a concebemos em nossos dias. Nesse quadro, o homem não era ainda considerado como agente geográfico, capaz de modificar seu ambiente. Sobre esse ponto, Buffon estava claramente à frente de nossos viajantes. Mesmo seguido e respeitado, no que toca sua concepção de natureza, parece-nos, todavia que suas idéias concernentes ao papel geográfico do homem encontrariam pouco eco em nossos viajantes. Assim ocorre com a idéia de que todos os elementos da natureza podiam estar em correlação uns com os outros se reduzindo a um reino da natureza que não incluía o homem. As palavras de Hombron são talvez as mais representativas desta maneira de pensar:
- “Qualquer que seja o ponto da criação em que lancemos os olhos, nós nele encontraremos sempre a ligação íntima que faz de uma região inteira um todo perfeitamente ligado; a menor mudança topográfica... acarretaria a morte de uma multidão de vegetais; muitos animais herbívoros deixariam então de existir e, em seguida, um grande número de carnívoros sofreria o mesmo destino...”²⁴
- 114 Esta visão quase “holística” da natureza não permitia, no entanto, ir mais longe, ou ao menos, não permitia avançar nas correlações tão necessárias à construção de uma geografia humana.
- 115 Para concluir, podemos dizer que devemos aos “naturalistas –geógrafos” o estabelecimento dos objetos de nossa ciência. Seu aperfeiçoamento em termos de uma geografia moderna só seria posto em prática, no entanto, pelos viajantes do terceiro grupo (os geógrafos *stricto-sensu*).
- 116 Uma visão teológica e holística da **natureza**; o **homem** de quem se abandona a figura do *Bom Selvagem* para se tornar objeto de ciência (finalmente, o homem havia sido “conduzido à Terra”, o que foi, sem dúvida, a contribuição mais importante desse grupo de viajantes ao nascimento da geografia moderna); a construção de um **território** localizado além do litoral e que comportava uma natureza que, ao mesmo tempo,

incluía o homem (com sua própria “história natural”) - tais são as contribuições desse grupo de “naturalistas-geógrafos” à construção de uma geografia moderna. É justo que lembremos deles como aqueles que contaram, pela primeira vez, o mundo, seguindo as exigências de uma episteme nova, que abriram no mundo as vias da ciência, de uma geografia prestes a nascer.

- 117 É sempre oportuno lembrar que, para nós, as raízes da geografia moderna encontram-se na história natural que se fazia nos séculos XVIII e XIX, o que demonstramos a partir da prática dos viajantes (naturalistas-geógrafos) franceses no Brasil no curso desse período. Gostaríamos também de reforçar que, para nós, a geografia herdou da história natural bem mais que simples métodos – descrição, classificação e comparação – mas que a extensão desses métodos ao tratamento do homem e das sociedades tornou efetivamente possível a construção de nosso próprio objeto. A perspectiva naturalista nos permitiu, antes de tudo, descobrir a diversidade das paisagens da Terra, preparando o terreno para o estabelecimento de correlações entre uma série de fatos que não aparecem espontaneamente associados. Enfim, a perspectiva naturalista clamou pela transformação de nossa disciplina em uma ciência explicativa.

BIBLIOGRAFIA

- ARAGO, J. (1839-1840). *Souvenirs d'un aveugle. Voyage autour du monde*. 5t. 3 vol. Paris: Hortet et Ozanne.
- _____. (s/d). *Voyage autour du monde*. Limoges, Eugène Ardant et Cie.
- ARAGO et alli (s/d). Rapport fait à l'Académie royale des sciences, le lundi 23 avril 1821, sur le Voyage autour du Monde de la corvette l'Uranie, commandée par M. Freycinet. In: FREYCINET, L.-C. Desaulces de (1824-1844). *Voyage autour du monde, exécuté sur les corvettes "L'Uranie" e "La Physicienne", pendant les années 1817, 1818, 1819 e 1820*. Tome I. Paris, Pillet Aîné, pp. xiii-xiv.
- BENETTON, P. (1975). *Histoire des mots: culture et civilization*, Paris: FNSP.
- BROSSE, J. (1958). *L'ordre des choses*. Paris: Julliard.
- _____. (1983) *Les tours du monde des explorateurs : les grands voyages maritimes : 1764-1848*, Paris, Bordas.
- CLEMENT, J.-P. (1988). “La participation francesa en la Expedition Botanica al Perú (1777-1778)”. In: *Catalogo de la exposicion del bicentenario*, tomo1. Madrid.
- DUNMORE, J. e BROSSARD, M. (orgs.). (1985). *Le voyage de Lapérouse. 1785-1788. Récit et documents originaux*, tome II. Paris, Imprimerie Nationale.
- DUPURREY, L.-I. (1825-1830). *Voyage autour du monde exécuté par ordre du Roi sur la corvette de Sa Majesté, "La Coquille", pendant les années 1822, 1823, 1824 e 1825*, publié par M. L. I. Dupurrey. Paris, A. Bertrand.
- DUMONT D'URVILLE (1834-1835), *Voyage pittoresque autour du monde, resume generale des voyages de decouvertes publié sous la direction de Dumont d'Urville, redigé par L. Reybaud*, Paris: Tessé, 2 vol.

FREYCINET, L. C. Desaluces de (1820). "Lettre de Guam, le 20 mars 1819". *Journal des voyages*, p. 375.

_____. (1824-1844). *Voyage autour du monde, exécuté sur les corvettes "L'Uranie" e "La Physicienne", pendant les années 1817, 1818, 1819 e 1820*. Paris: Pillet Aîné.

FREYCINET, Rose Desaluces de (1927). *Campagne de L'Uranie (1817-1820). Journal de Madame R., d'après le manuscrit original, accompagné de notes de Charles Duplomb*, Paris, Societé d'Édition Géographique, Maritimie et Coloniale.

GAZIELLO, C. (1984). *L'expédition de Lapérouse (1785-1788); Réplique française aux voyages de Cook*. Paris, CTHS.

GUSDORF, G. (1972). *Les sciences humaines et la pensée occidentale. Vol. V: Dieu, la nature, l'homme ao siècle des Lumières*. Paris: Payot.

HOMBRON e JACQUINOT (s/d). "La Zoologie". In: DUMONT D'URVILLE, J. (1841) *Voyage au pôle sud et dans l'Océanie sur les corvettes l'Astrolabe et la Zélée, exécuté par ordre du Roi pendant les anées 1837, 1838, 1839 e 1840, sous le commandement de M. J. Dumont d'Urville*. Paris: Gide.

LAPÉROUSE, J.-F. (1831). *Voyage de Lapérouse rédigé d'après ses manuscris originaux suivi d'un appendice renfermant tout ce que l'on a découvert depuis le naufrage jusqu'à nos jours et enrichi de notes par M. de Lesseps, consul général de France à Lisbonne, et seul débris vivant de l'expédition dont il était interprete*. Paris, Arthus Bertrand.

_____. (1980) *Voyage autour du monde sur "L'Astrolabe" e "La Boussole": 1785-1788*, Paris, François Maspero.

LESSON, R. P. (1842). *Moeurs, instinct et singularités de la vie des animaux mammifères*, Paris: Paulin.

_____. (1837). "Histoire Naturelle". In BOUGAINVILLE, H. de (1837). *Journal de navigation autour du globe de la frigate la Thétis et de la corvette l'Espérance pendant les années 1824, 1825 et 1826, tome II*. Paris, A. Bertrand.

MINGUET, Hélène (1980). "Introduction". In: LAPÉROUSE, J.-F. *Voyage autour du monde sur "L'Astrolabe" e "La Boussole": 1785-1788*. Paris, François Maspero.

QUOY e GAIMARD (s/d). "Zoologie" In: FREYCINET, L.-C. Desaulces de (1824-1844). *Voyage autour du monde, exécuté sur les corvettes "L'Uranie" e "La Physicienne", pendant les années 1817, 1818, 1819 e 1820*. Paris: Pillet Aîné.

ROSANVALLON, P. (1985). *Le moment Guizot*. Paris: Gallimard

TAILLEMITE (1977). *Bougainville et ses compagnons autour du monde, vol II*. Paris, Imprimerie Nationale.

NOTAS

1. O presente texto é uma adaptação de alguns capítulos da tese de doutoramento *Pour une histoire naturelle de la Géographie: Les voyageurs-naturalistas français au Brésil au Siècle des Lumières* (Universidade de Paris IV, 1996).
2. Tivemos de escolher entre as duas formas mais difundidas do nome do navegador: La Pérouse e Lapérouse. Adotamos então a ortografia Lapérouse para seguir o costume do navegador, sem, todavia, condenar a alternativa La Pérouse (Dunmore e Brossard, 1985, t. II: xi.)
3. E, melhor ainda, é a parte de seus objetivos à qual se deseja dar maior publicidade. Este aspecto aparece, com efeito, quando Joseph Banks (cientista das expedições de Cook) empresta a

Lapérouse, através do Escritório das Longitudes, as duas bússolas de inclinação que serviram a Cook. (Gaziello, 1984: 61).

4. Sobre esta questão, ver o exemplo descrito em Lapérouse (1831: 59-74).

5. Mesmo que a expedição por ele comandada comporte objetivos naturalistas, não estudamos d' **Entrecasteaux** neste trabalho, pois sua expedição não tocou o Brasil. As buscas que empreendeu concernentes à expedição desaparecida se limitaram ao Pacífico e aos arredores da Austrália, onde se sabe que Lapérouse desapareceu.

6. Freycinet, embarcado na *Géographe*, também fez parte da expedição comandada por Perón.

7. Deixando Porto Jackson em 25 de dezembro, em fevereiro de 1820 a *Uranie* aproxima-se da Terra do Fogo. Como passava próximo dos Malouines, Freycinet decide aí parar, mas a *Uranie* choca-se contra uma rocha e a avaria que sofreu foi tão considerável que a corveta ficou à deriva enquanto não conseguia encontrar um lugar conveniente para acostar. Freycinet e seus homens foram obrigados a passar dois meses sob um clima muito frio e na condição imprevisível de naufragos. Somente em abril, viram surgir o *Mercure*, um navio americano cujo comandante aceita conduzir os naufragos até Montevidéu, onde Freycinet compra um navio dando-lhe o nome de *Physicienne*. Prosseguindo viagem, fez no Rio uma escala de três meses, permitindo à tripulação se recompor até chegar à França (Brosse, 1983: 144).

8. O irmão mais novo do célebre astrônomo.

9. Esta dimensão do “olhar” vai marcar não apenas sua viagem, mas também sua vida. Tornou-se cego em 1837, alguns anos após sua viagem, Arago acabaria por morrer no Brasil, lembrando-se sempre das belezas e das imagens que tinha visto um dia. É isto que dá, aliás, o título de seu relato (Arago, 1839-1840): *Souvenirs d'un aveugle. Voyage autour du monde* (Lembranças de um cego. Viagem ao redor do mundo).

10. Uma tradição que marcará a geografia de nossos viajantes e ao longo de toda sua história, passando por Humboldt, Ritter, Reclus, Vidal de La Blache e todos os outros “geógrafos” até o início do século XX.

11. Freycinet, *Rose Desaulces de* (1927). *Campagne de L'Uranie (1817-1820). Journal de Madame R., d'après le manuscrit original, accompagné de notes de Charles Duplomb*. Paris, Société d'Édition Géographique, Maritimie et Coloniale.

12. Lesson não fez parte desta expedição de H. de Bougainville; após ter feito parte da expedição de Duperrey, como veremos em seguida, não seguirá novamente em viagem.

13. A O nome *Astrolabe* foi dado à antiga corveta *Coquille*, em homenagem ao navio do capitão desaparecido que Dumont d'Urville teve a missão de resgatar.

14. D'Urville, não somente foi um intelectual e um naturalista, mas também um capitão apaixonado pelo mar e pelas viagens. Mais do que tudo impregnado do espírito do século XVIII, legou-nos um texto onde combina relato real e relato fictício, e nos apresenta, entre história e literatura, uma viagem pitoresca que intitula *Voyage pittoresque autour du monde...* Aqui, do relato de viagem oceânica tradicional, d'Urville retém a estrutura e os elementos, os invariantes, poderíamos dizer, que caracterizaram o gênero. O texto segue a progressão do navio, que lhe fornece sua matéria documentária e anedótica. Ver e descrever. O texto de sua *Voyage pittoresque...* contém todos os elementos habituais do relato de viagem, em particular sua dimensão descritiva: geografia, história dos lugares, flora, fauna, geologia, demografia, governo, atividades econômicas, religião, etnologia, antropologia, artes, etc. Os elementos concernentes à vida marítima aí estão também presentes: situação (coordenadas geográficas) das terras e das ilhas, indicação dos ventos, informações meteorológicas, hidrografia, preocupações com as guarnições e os passageiros, entre outros. Esse trabalho de d'Urville se origina de toda uma preocupação em reconstituir as viagens reais, dentre as quais ele incluiu suas próprias experiências. Mas este ensaio tenta fazer passar o conjunto do relato como real, enquanto se navega em plena ficção. Tudo é de fato fictício a bordo do *Océanic*. Mas, finalmente, nem tão fictício a ponto de nos parecer estranho (Dumont d'Urville, 1834-1835).

15. Sobre o conceito de civilização e sua evolução e progresso, ver entre outros: BENETTON, P., *Histoire des mots: culture et civilization*, Paris: FNSP. 1975; e ROSANVALLON, P. *Le moment Guizot*. Paris: Gallimard. 1985.
 16. LAPÉROUSE, J -F. *Voyage de Lapérouse rédigé d'après ses manuscrits...*, Op. Cit., p. XVIII
 17. HOMBRON e JACQUINOT, em DUMONT D'URVILLE, J., *Voyage au pôle Sud et dans l'Océanie...*, Op. Cit., pp.200-201.
 18. LAPÉROUSE, J.-F., *Voyage de Lapérouse rédigé d'après ses manuscrits...*, Op. Cit., p.31.
 19. BROUSSE, J. *L'ordre des choses*. Paris: Julliard. 1958, p. 44.
 20. GUSDORF. G., *Les sciences humaines et la pensée occidentale. Vol. V: Dieu, la nature, l'homme ao siècle des Lumières*. Paris: Payot, 1972. p. 278.
 21. LESSON, R. P., *Mœurs, instinct et singularités de la vie des animaux mammifères*, Paris: Paulin, 1842, p.2.
 22. LESSON, R. P., *Mœurs, institnt et singularités...*, Op.Cit., pp. 5-6.
 23. BROUSSE, J., *Les tours du monde des explorateurs...*, Op. Cit., p. 148.
 24. HOMBRON e JACQUINOT em DUMONT D'URVILLE, J., *Voyage au pole Sud et dans l'Océanie...*, Op. Cit., p.69.
-

ÍNDICE

Índice geográfico: Brasil, São Paulo

Índice cronológico: 1740, 1820

AUTORES

INÊS AGUIAR DE FREITAS

Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ.